

IN MEMORIAM DE MICHEL GIACOMETTI E DE EDUARDO DA CUNHA SERRÃO

por

Vítor Oliveira Jorge

«O que falta aqui em Portugal é a paixão, é apaixonar-se pelo trabalho que se faz.»

MICHEL GIACOMETTI

Há sempre um certo indecoro em falar da morte de um amigo. Algo que tão profundamente nos afecta melhor ficaria reduzido ao silêncio, na intimidade da nossa consciência, onde as pessoas que nos marcaram continuam a existir, bem presentes, com a diferença de que perdemos a esperança de as voltar a encontrar. Mas o diálogo, mais distante, continua. Recorrentemente, lembramo-nos de coisas que nos disseram, subitamente chega-nos a imagem de uma expressão do rosto, de uma paisagem que se desdobrava por detrás da sua figura frágil. E nessa fragilidade nos revemos: também nós estaremos um dia reduzidos a meia dúzia de fotos, de onde já hoje sorrimos, algo melancolicamente, para a nossa radical efemeridade.

Por outro lado, seria estranho que aqui, nesta revista da S.P.A.E., não prestássemos uma homenagem, embora muito simples, a dois sócios, e companheiros mais velhos recentemente falecidos, o etnomusicólogo Michel Giacometti (Faro, 24 de Novembro de 1990) e o arqueólogo Eduardo da Cunha Serrão (Lisboa, 14 de Abril de 1991). Ambos trabalharam à margem das instituições universitárias e da ciência «oficial», e, por isso, pode acontecer que à sua actividade não seja concedida, nos tempos mais próximos, toda a importância pública que ela merece. O nosso silêncio seria, pois, indesculpável conivência. É certo que este é o terceiro volume da revista publicado em memória de outro grande investigador, Ernesto Veiga de Oliveira: não faz mal, ficarão aqui em muito boa companhia, pois os três foram infatigáveis calcorreadores e estudiosos da realidade portuguesa autêntica. E sobretudo, todos, homens simples e bons, amorosamente reclinados sobre o que o nosso povo e a nossa terra têm de mais puro e genuíno, os testemunhos de uma vivência arcaica, marcas de

uma identidade de que não desistimos.

Michel Giacometti nasceu em 1929 em Ajaccio, na Córsega, tendo sido criado por um tio que era funcionário colonial, e com o qual percorreu as colónias francesas, visitando dezenas de países, aprendendo múltiplas línguas e dialectos, e convivendo, como ele disse, «com camponeses da Europa, da África e da Ásia.» Mas a sua grande preferência voltou-se sempre para a civilização mediterrânica no seu conjunto, a da margem norte e a da margem sul. Aliás, chegou a criar uma missão, designada «Méditerranée 56», que visava investigar a etnografia de todas as ilhas mediterrânicas. Licenciado em Letras e Etnografia pela Sorbonne, frequentou cursos livres daquela mesma especialidade na Noruega. Experimentou as mais diferentes profissões, tendo nomeadamente conhecido a vida boémia de Paris, o ambiente dos artistas do Quartier Latin. Consagrou-se porém à etnomusicologia, e foi um livro do musicólogo norte-americano Kurt Schindler que lhe despertou a curiosidade por Trás-os-Montes. Recém-casado em Paris com uma portuguesa, veio em 1959 para Portugal, e foi assim que partiu à descoberta desse filão quase desconhecido, a nossa música popular, começando por aquela província do Nordeste. Encontrou então, nos intelectuais portugueses da época (mesmo os «progressistas»), um completo afastamento em relação ao mundo rural, o que mais tarde comentaria, dizendo tratar-se também de um «fenómeno corrente nos países do terceiro mundo, onde as elites gostam de se divorciar da cultura popular.» Durante trinta anos, nunca mais parou, praticamente até à sua morte, tendo recolhido, nas palavras do jornalista J. Paulo Velez, «a mais abundante documentação musical jamais conseguida em qualquer país da Europa ocidental», nesse sentido completando o labor da equipa de Jorge Dias, Ernesto Veiga de Oliveira, Margot Dias, Fernando Galhano, Benjamim Pereira, Viegas Guerreiro, e outros. Aliás, as nossas mais importantes colecções de instrumentos musicais populares devem-se à acção de Ernesto Veiga de Oliveira (esta encontra-se no Museu de Etnologia) e de Michel Giacometti (400 exemplares adquiridos pela Câmara Municipal de Cascais em 1981)¹. Chegou a ter cerca de 3 mil informantes em todo o país, constituídos por pessoas das mais diferentes profissões. Por ex., entre 1959 e 1982, em cerca de 95 meses de tempo útil de trabalho de campo, gravou mais de 100 horas de

¹ Os instrumentos (de cordas, sopro, percussão, etc., oriundos de todo o país) desta última colecção estão hoje no Museu da Música Regional Portuguesa — Casa Verdades de Faria. Esta casa fica no Monte Estoril e foi legada à Câmara de Cascais, prevendo-se a sua abertura para 1992. Conterá um espaço para exposição, um centro de investigação e documentação (biblioteca, videoteca e audioteca), e uma oficina para restauro e construção de instrumentos musicais pela técnica tradicional. A biblioteca conta com os 6 mil volumes também adquiridos a Giacometti pela Câmara de Cascais.

música e de literatura oral, contendo 4 mil composições musicais; ao mesmo tempo, obteve 6 mil fotografias, e elaborou mais de 50 mil fichas com contos, poesias, adágios, etc. Nas fichas registou também os dados que lhe permitiam reconstituir o contexto de todos os elementos recolhidos.

Criou os Arquivos Sonoros Portugueses e, entre 1960 e 1970, de colaboração com Fernando Lopes Graça, editou a *Antologia da Música Regional Portuguesa*, um conjunto de cinco discos que, apesar da sua tiragem limitada (300 exemplares), teve um enorme impacto no meio cultural. Pessoalmente, ainda recordo o assombro com que ouvi essas músicas, que me revelavam um povo que totalmente desconhecia². Publicou também o disco *Cantos Religiosos Tradicionais Portugueses*, entre outros, num total de 24 discos editados.

Todo este trabalho, fundamental para a nossa cultura, foi sempre realizado sem qualquer apoio ou enquadramento oficial. Giacometti foi vivendo de programas feitos para a RFA, Suécia, Bélgica e França, e de artigos publicados em jornais estrangeiros, investindo dinheiro próprio nas suas pesquisas, como desde sempre (até quando?) vêm fazendo os criadores culturais deste país. A sua situação financeira só veio a melhorar um pouco quando vendeu os arquivos sonoros à S.E.C. (ficando apenas com o respectivo usufruto) e, depois, os instrumentos musicais e a biblioteca à Câmara de Cascais, como se disse atrás.

Em 1975, e aproveitando o Serviço Cívico Estudantil, coordenou um conjunto de 126 estudantes, que, divididos em grupos de 4, cada um dos quais instalado em sua aldeia, recolheram um interessante acervo de dados, tanto da cultura material (cerca de 1.200 objectos), como oral (através de gravações), fornecendo pistas para futuros estudos. Esses elementos, que incluem matérias respeitantes à literatura oral, música, medicina popular, condições de saúde de populações, etc., serão integrados no *Museu do Trabalho de Setúbal*, em curso de montagem.

Giacometti teve ainda uma intervenção na RTP, através do programa «Povo que Canta». Chegou a ser convidado para leccionar no ISCSP (Lisboa), mas tal não se chegou a concretizar; apenas ensinou, por algum tempo, na Faculdade de Letras daquela cidade.

Em 1981, e de novo em colaboração com Lopes Graça, publicou no Ciclo de Leitores o livro *Cancioneiro Popular Português*. Sobre esta importante obra, hoje esgotada, escreveu na altura Ernesto Veiga de Oliveira: «(...) é um trabalho estupendo, feito com a maior probidade, onde o sentido permanente da

² Esta *Antologia* vai ser reeditada pela EMI-Valentim de Carvalho, sob forma ampliada. Terá 16 discos com música do continente e 1 sobre os Açores e Madeira, num total de quase 500 composições.

beleza e do significado, que se traduz na recolha das espécies, em nada atinge o rigor da coisa científica, e que vem preencher uma falta gravíssima que todos nós ressentíamos»³.

No momento do seu falecimento, Giacometti preparava, além da reedição da *Antologia da Música Regional Portuguesa*, já referida, a *Antologia do Canto Coral Alentejano* (edição das Câmaras Municipais do Alentejo, contendo 80 composições e dois livros), o *Romanceiro Tradicional Português*, e um *Dicionário de Música Popular*. Conhecendo-o desde há muito, mas de forma passageira, foi curiosamente no último ano da sua vida que tive mais oportunidade de contactar com ele, tendo-se desde logo estabelecido entre nós uma inequívoca amizade. De facto, os nossos caminhos cruzaram-se por duas vezes, durante as escavações do verão de 1990, primeiro em Baião, e depois em Chaves. Giacometti era um repositório infinito de histórias, contadas sempre com grande poder evocador, a partir da sua experiência por todo o mundo, desde as ruas de Paris, onde passou pela situação de autêntico *clochard*, até às areias do Sara, sobre cujas dunas adormeceu um dia totalmente só, para acordar na manhã seguinte e verificar, com espanto, que as dunas se tinham movido para mais longe... histórias de um vagabundear onde, de facto, estava presente uma experiência intensa da realidade, ainda não pervertida como produto turístico (mais ou menos exótico conforme o preço) para venda. Giacometti era um daqueles homens que nos fazem saudade de um mundo que, sob os nossos olhos, cada dia, mais irremediavelmente vamos vendo perder-se. A sua obra e a sua pessoa merecem muito mais do que estas simples palavras, pelo que desde já daqui solicitamos aos especialistas que nos enviem textos relativos a elas para publicação nos próximos volumes da revista da S.P.A.E.

Michel Giacometti está sepultado na aldeia de Perogarda, em Ferreira do Alentejo, cerca de 20 Km. para norte de Beja. É uma aldeia que ele tinha conhecido nos anos sessenta, pela mão do cineasta António Reis, e cuja música gravara. Ali tinha regressado no início do verão de 90, durante um novo périplo por todo o país cuja determinação parecia anunciar a suspeita da morte próxima.

Como poucos, Giacometti era uma pessoa atenta à multifacetada riqueza e originalidade das nossas regiões; dizia ele: «este é um país onde pararam praticamente todas as migrações europeias. Elas marcaram-no e influenciaram-no». (*Público*, 25.XI.90). Mas quiçá fosse para o Alentejo, onde sobrevive «um gosto pelo canto talvez único na Europa» (*ibidem*), que a sua preferência

³ Citado em artigo de Adelino Gomes publicado no *Público/Magazine* de 5.VIII.90, p. 16. Além desta fonte, utilizámos, para a redacção da presente nótula, os seguintes outros artigos de jornal: *Jornal de Letras*, de 17.VII.90 (Ana Margarida de Carvalho); *Público*, de 25.XI.90 (João Paulo Velez e Filomena Silvano).

se dirigia. Aliás, sobre o rico cruzamento de «influências» que na música daquela nossa região se nota, afirmou: «Além do gregoriano, há a situação geográfica peculiar do país, a miscigenação com árabes e judeus, os Descobrimentos e a fixação de escravos africanos, as relações com várias etnias reunidas sob a coroa de Castela, a sedentarização de tribos ciganas, os movimentos migratórios e, por fim, a intervenção criadora do povo», (*Público*, 5.VIII.90). Por isso, cidadão do mundo, mas sobretudo homem mediterrânico que amou a cultura desta grande região nos seus estratos mais profundos e enraizados na população rural, Giacometti quis concluir ali, no Alentejo, a sua incansável itinerância. Itinerância em busca, sobretudo, de uma vivência, de uma comunhão com um saber em que o cantar, como o falar, são manifestações espontâneas, omnipresentes, de uma humanidade ainda não acorrentada pela escrita à linearidade do pensamento, em que as formas de expressão respiram ao mesmo ritmo da acção.

Eduardo da Cunha Serrão⁴ nasceu em Lisboa em 1906. Licenciado em Economia, e tendo sido nessa especialidade funcionário superior dos CTT até à sua aposentação, não era nitidamente para questões económico-financeiras correntes que se virava a sua curiosidade e sensibilidade. Antes para os mais variados domínios da cultura, como a História, a Etnologia, a Literatura, a Música, a Arte (praticou a pintura, sobretudo antes da Arqueologia tomar os seus tempos livres), as Ciências Naturais. Era um homem generoso e liberal, respeitador da opinião alheia e atento à personalidade dos mais novos, cuja sensibilidade se formara antes do regime ditatorial, o qual, como todos os do seu género, teve como consequência instalar entre nós uma atmosfera de receio, de intransigência, e de dogmatismo (de todos os matizes, aliás), em que decorreu a minha infância e juventude. Foi, pelo contrário, um ambiente mental livre e respeitador que encontrei em sua casa, onde pela primeira vez fui, com quinze anos de idade, procurar os ensinamentos de Arqueologia que sentia não poder obter sozinho, e que de resto a Universidade, mais tarde, também me não conferiria. Se a esta devo uma formação cultural básica, nomeadamente graças a professores do calibre de Jorge de Macedo ou Orlando Ribeiro, entre vários outros, foi a Eduardo Serrão que para sempre fiquei em dívida relativamente à minha

⁴ Em 1987/88 coordenei dois volumes da revista *Arqueologia* (Porto, G.E.A.P.) em homenagem a Eduardo Serrão (n.º 16 e 18, respectivamente). Na altura, tive a oportunidade de fazer uma apresentação da sua pessoa e obra, tanto no início do vol. 16, como no do vol. 18 (reproduzindo, neste último caso, o que foi dito durante uma cerimónia realizada na Associação dos Arqueólogos Portugueses em Dezembro de 1987). É pois natural que na presente evocação, infelizmente pouco distanciada no tempo, remeta o leitor para alguns trechos do que então escrevi, escusando-me aqui de repetir muitos pomenores que ali poderá encontrar. V. ainda revista *Arqueologia*, vol. 8, Dez. 1983, pp. 114-115.

introdução no pequeno «universo» da Arqueologia portuguesa de então, à orientação nos primeiros trabalhos de campo e de gabinete, e ao ganhar de uma confiança nas minhas capacidades absolutamente básica para poder lançar-me na arriscada pretensão de querer ser «arqueólogo». Na sua casa de Lisboa, ou na de férias de Santana (Sesimbra), primeiro sozinho, depois com os companheiros do «Grupo para o Estudo do Paleolítico Português», usufruí também do contacto com pessoas cuja qualidade cultural e humana muito influiria na minha personalidade em desenvolvimento. Pela sua mão frequentei (e, depois também, os primeiros elementos do GEPP, como Susana O. Jorge, Maria Querol, Jorge Pinho Monteiro e Francisco S. Lemos) a secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa e a secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Eram dois grupos bem distintos, e até certo ponto apartados sob vários aspectos, mas Eduardo Serrão, eclético, defendia que deveríamos pertencer a ambos, pois qualquer deles tinha virtualidades. Aliás, muitas vezes insistia comigo na necessidade de se transformarem as instituições por dentro, ocupando os lugares e procurando encaminhar no sentido correcto as acções, em vez de se permanecer toda a vida de fora a sentenciar como deveriam ser. Era, nesse sentido, um voluntarista e um optimista (com certeza, tingido de algum idealismo), que não acreditava em revoluções ou violências, mas na discussão livre de ideias e na capacidade fundamental da juventude para, pela sua criatividade, transformar o mundo. Como Giacometti, era um conversador e um contador de histórias inveterado, cheio de humor, sobretudo quando nos narrava detalhes da «Arqueologia oficial» do tempo ou nos lia certos passos da «obra» de alguns dos seus «mentores»... ríamos então a bandeiras despregadas, e com esse riso distanciávamo-nos criticamente do muito de mesquinho e de asfíxiante que então se passava. Acima de tudo, Eduardo Serrão era uma pessoa completa, que adorava a vida e apreciava todos os seus bons aspectos, com apetite pagão, temperado pelo formalismo, assumido como tal, de uma vivência burguesa que respirava ainda os valores do início do século: o barroquismo de decoração de sua casa, o gosto pelas viagens (de comboio), a profusão dos livros, das revistas, dos postais, espalhados um pouco por todo o lado, a abertura à convivialidade (por ex., o seu escritório tinha sempre aberta uma porta para o corredor e outra para a sala de estar), etc.

Embora tenha feito escavações em estações arqueológicas da Idade do Ferro e da Idade Média, em Sesimbra, concelho que muito lhe deve no domínio dos estudos do seu património, e se tenha dedicado também ao Paleolítico, Eduardo Serrão especializou-se na Pré-história recente da Estremadura, tendo produzido trabalhos pioneiros e fundamentais nesse domínio. Esses estudos começaram nos anos quarenta, em Olelas (Sintra), na companhia de E. Prescott Vicente, que o encaminhara para a Arqueologia. O prof. Mendes Corrêa, que

então dirigia o Centro de Estudos de Etnologia Peninsular (Porto), convidou os dois estudiosos para colaboradores do Centro e, mais tarde, para vogais da Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa, o que lhes permitiu sentirem-se melhor enquadrados institucionalmente num trabalho que tinha todas as características do (sério) amadorismo.

Em 1952, Eduardo Serrão contactou em Inglaterra com os métodos de trabalho da avançada Arqueologia britânica, desde os aspectos da prospecção e carta arqueológica, passando pelos da escavação, até aos do enquadramento teórico dos dados e da interpretação. É então que os livros de Gordon Childe, particularmente *Piecing Together the Past*, e de Mortimer Wheeler, *Archaeology from the Earth*, se tornam as suas «bíblías», a juntar às obras de referência sobre a Península Ibérica, como os volumes de Pré e de Proto-história da *História de España* dirigida por Menéndez Pidal. Ao realizar-se o Iº Congresso Nacional de Arqueologia em 1959, Eduardo Serrão apresenta aí, como comunicação (de colaboração com P. Vicente), um dos raríssimos escritos portugueses sobre metodologia de escavações, trabalho verdadeiramente pioneiro para a época: «Escavações em Sesimbra, Parede e Olelas. Métodos empregados»⁵. Ainda hoje sabemos quão importante é a objectivação da metodologia empregue nos estudos de campo ou de gabinete, a anteceder os respectivos resultados, que evidentemente são função daquela. A única coisa que surpreendia E. Serrão era o silêncio, ou aparente indiferença, com que o seu significativo contributo tinha sido recebido, durante o Congresso e depois dele.

É preciso lembrarmo-nos de que a «metodologia» corrente na altura (evidentemente que com excepções) era a da «pá e picareta», com abertura de valas sem grande (ou qualquer) atenção à estratigrafia, muitas vezes, mesmo, sem utilização de uma quadrícula digna desse nome. A Arqueologia era uma prática que se aprendia com os mais velhos, na tarimba do campo, «pela experiência», como qualquer outra «arte manual», e que estava reduzida a meia dúzia de iniciados, como um conhecimento esotérico. Após o excelente arranque dos finais do séc. XIX, inícios do séc. XX, com forte cariz positivista, em que se lançaram as bases da nossa Geologia e Arqueologia, esta última viria a cair numa progressiva decadência durante a maior parte da primeira metade do século, decadência só atenuada pela actuação de estrangeiros convenientemente preparados, como Breuil/Zbyszewski, Jean Roche, os Leisner. Uma das razões (que, evidentemente, são muito mais complexas) para tal, está na actuação de Manuel Heleno que, como professor na Faculdade de Letras de Lisboa, criou à sua volta um autêntico vazio de discípulos, conferindo a mesma anemia ao

⁵ V. *Actas e Memórias do Iº Congresso Nacional de Arqueologia*, Lisboa, 1959, vol. I, pp. 317-335.

Museu Leite de Vasconcelos (hoje Museu Nacional de Arqueologia), e nunca publicando os resultados das suas próprias escavações, algumas delas confiadas a empregados do Museu que dirigia. Compreende-se que, neste panorama profundamente medíocre e fechado, a actuação de Eduardo Serrão fosse pelo menos incómoda, o que lhe granjeou inimizades e incompreensões (por vezes até daqueles que, ao longo da sua vida de arqueólogo, generosamente ajudou). As coisas só começariam a mudar, para a Arqueologia portuguesa, a partir dos anos sessenta, e tendo como pólos a Universidade de Coimbra e o vizinho Museu de Conímbriga, instituições em que se lançou as bases de uma Arqueologia romana científica, em todas as suas vertentes, com resultados bem visíveis ao nível das publicações para especialistas, da divulgação de qualidade, da museografia e da conservação e restauro de materiais. Foi um movimento muito importante, porque anunciou a prática institucionalizada (e ligada à universidade) de uma Arqueologia séria, que até então só alguns raros amadores, ou estrangeiros (e certos portugueses a eles ligados) tinham sabido concretizar.

Ao longo dos anos sessenta Eduardo Serrão não esteve inactivo. Continuou os seus trabalhos em Sesimbra, tanto no domínio da carta arqueológica, como das escavações, com particular destaque para as da Lapa do Fumo⁶, uma gruta que é uma das principais estações arqueológicas portuguesas. E, para apenas citar outras acções em que esteve envolvido, é de referir a sua coordenação do levantamento da arte rupestre do vale do Tejo, descoberta a partir de 1971 por um grupo de estudantes da Fac. de Letras da Univ. de Lisboa pertencentes ao GEPP. Mais tarde, em 1977, quando eu e Susana Oliveira Jorge procurámos contribuir para a revitalização da Arqueologia pré-histórica portuguesa a partir do Porto, Eduardo Serrão deu uma significativa colaboração a iniciativas do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, como o ciclo de conferências «Aspectos e Métodos da Pré-história» (1977) e a mesa-redonda «O Neolítico e o Calcolítico em Portugal» (1978). Aí apresentou propostas de periodização do Neolítico e Calcolítico da Estremadura que foram muito úteis, e que se continuam, hoje, a consultar com proveito.

Eduardo Serrão publicou mais de cinquenta títulos, entre livros, brochuras e artigos. Julgo saber que pôde ainda concluir, apesar da sua debilitada saúde dos últimos anos, um livro de conjunto sobre a Arqueologia do Concelho de Sesimbra, cuja publicação estará assegurada. Muito interessaria, porém, que a

⁶ Várias dessas campanhas foram conduzidas de colaboração com o Arq^o Gustavo Marques. Como é sabido, a Lapa do Fumo revelou as célebres cerâmicas com «ornatos brunidos» do Bronze Final, que nunca foram integralmente publicadas, o que, a ser feito agora por aquele competente arqueólogo, seria um importante contributo para a completa valorização desta jazida no contexto português e peninsular. Aqui fica a sugestão. Sem publicação, o material fica perdido para a ciência.

Associação dos Arqueólogos Portugueses, que Eduardo Serrão tanto serviu, quer como elemento da secção de Pré-história e depois como Presidente desta, quer, mais tarde, enquanto Presidente da própria Associação, lhe editasse a obra completa, na maior parte dispersa, como é costume entre nós, por tantas revistas e volumes colectivos⁷.



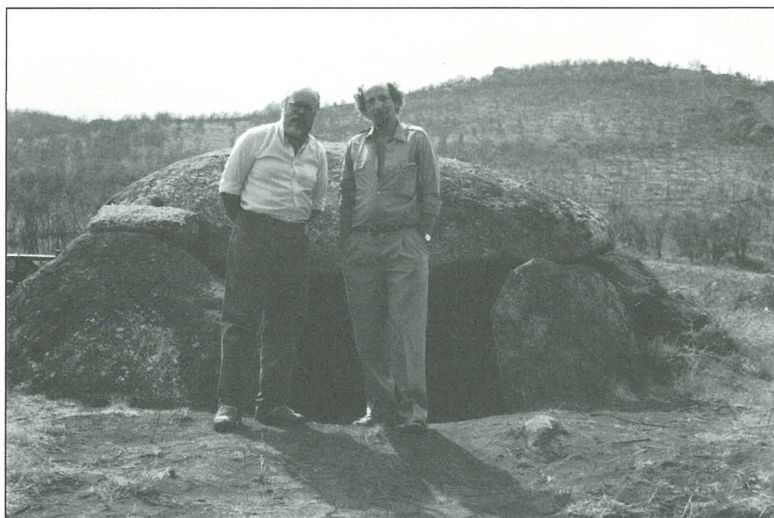
Fig. 1 — M. Giacometti durante uma das suas visitas a Portugal. Fotografia de M. Giacometti — Arqueologia e História, 1990.



⁷ Para tanto precisaria, porém, de revelar outro dinamismo, no que ao sector de publicações concerne. Interrompida a revista *Arqueologia e História*, e reduzidas as *Actas* das penúltimas «Jornadas» ao seu 1º volume, aguarda-se, há cerca de uma década, a saída da obra de homenagem a Fernando de Almeida. Tudo tem um limite razoável a partir do qual a perda de credibilidade é praticamente irreversível.



1 — M. Giacometti durante uma gravação. Foto Luis d' Orey
(«Público» – Magazine, 5. VIII. 1990).



2 — M. Giacometti com V. O. Jorge diante do dólmen de
Chã de Parada, em Baião (Julho de 1990).



1 — Eduardo da Cunha Serrão (Lisboa, Setembro 1972).



2 — Elementos do «Grupo para o Estudo do Paleolítico Português» com Eduardo Serrão, no Museu de Belém (actual M.N.A.E.), em 1971. Alguns dos membros presentes (da esq. para a dir.): José Mateus (4º), Jorge Pinho Monteiro (precocemente falecido) (5º), Vítor O. Jorge (6º), Susana Oliveira Jorge (7º), Eduardo Serrão, M^a Angeles Querol (9^a, em pé), Luis Raposo (10º) e Francisco Sande Lemos (11º).